

ISSN - 3085-5624

Eixo Temático 1 – Produção, Mediação e Gestão da Informação

**MÚSICA OU RUÍDO:  
uma análise das transformações em uma narrativa ameríndia****MUSIC OR NOISE:  
an analysis of transformations in an amerindian narrative**

**Filipe Vinícius Cabral Neri** – Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – [filiperexxar@gmail.com](mailto:filiperexxar@gmail.com) – Orcid:  
<https://orcid.org/0009-0004-5385-8112>

**Edivanio Duarte de Souza** – Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – [edivanio.duarte@ichca.ufal.br](mailto:edivanio.duarte@ichca.ufal.br) –  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7461-828X>

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** A história e a memória dos povos ameríndios são marcadas pelos processos de colonização, subalternização e silenciamento, sobretudo, por ser marcada pela oralidade. Contudo, emerge movimentos críticos de superação dessas condições, que tem na sua base o pensamento decolonial. Objetiva analisar as transformações do mito pan-ameríndio do “desaninhador de pássaros” sob a ótica das ideias de disseminação da informação, da cultura e da memória, tomando como referência uma pesquisa bibliográfica baseada na revisão narrativa de literatura. Procedimentalmente, discutem-se os aspectos históricos e sociais em torno do colonialismo e da colonialidade, que refletem na percepção do assunto, alcançado a perspectiva crítica da decolonialidade na Ciência da Informação. Além disso, aborda o propósito dos mitos, e sua eficácia. Conclui-se que aquilo que aparenta ser “ruído” na informação pode ser entendido e explicado como “música”, e, portanto, capaz de auxiliar na busca da compreensão original desta informação, que, muitas vezes, já é dotada de significados múltiplos e diversos.

**Palavras-chave:** disseminação da informação; tradição oral; narrativas ameríndias; decolonialidade.

**Abstract:** *The history and memory of Amerindian peoples are marked by processes of colonization, subalternization and silencing, above all, because it is marked by orality. However, critical movements to overcome these conditions emerge, which have decolonial thinking at their base. It aims to analyze the transformations of the Pan-Amerindian myth of the “bird nester” from the perspective of the ideas of dissemination of information, culture and memory, taking as a reference a bibliographical research based on a narrative literature review. Procedurally, the historical and social aspects surrounding colonialism and coloniality are discussed, which reflect on the perception of the subject, reaching the critical perspective of decoloniality in Information Science. Furthermore, it addresses the purpose of myths and their effectiveness. It is concluded that what appears to be “noise” in the information can be understood and explained as “music”, and, therefore, capable of helping in the search for the original understanding of this information, which, many times, is already endowed with multiple and diverse meanings.*

**Keywords:** *information dissemination; oral tradition; amerindian narratives; decoloniality.*

## 1 INTRODUÇÃO

A informação tem a potencialidade de desempenhar um papel central na sociedade contemporânea. Discussões a seu respeito estão presentes em diversas disciplinas, buscando entender seu papel, suas características e seu comportamento (Capurro; Hjørland, 2007). Com efeito, existem diferentes formas de “perceber” a informação e, por conseguinte, diversos significados são atribuídos ao termo. Nessa perspectiva, Buckland (1991) discute três delas, sendo estas: “Informação como processo”, “informação como conhecimento”, e “informação como coisa”. A primeira definição, “informação como processo”, consiste na possibilidade de comunicar um fato ou um conhecimento na perspectiva de informar. A segunda definição, “informação como conhecimento”, traz como principal propriedade da informação sua intangibilidade, uma forma de caracterizá-la, que é aplicável, principalmente, na percepção do processo de apropriação da informação a partir do arcabouço de conhecimento do sujeito.

Shannon define o fluxo da informação como necessitando de uma fonte e de um destino, um transmissor e um receptor, além de um canal, codificador e decodificador. O ato de disseminar informação, diferente do ato de transmitir, que implica um transmissor e receptor individualizados, significa propagar, difundir em múltiplas direções. Então, a definição de “informação como coisa”, por outro lado, possui aplicabilidade, principalmente, dentro do contexto dos sistemas de informação, considerando os suportes físicos através dos quais a informação pode ser conduzida e nos quais pode ser armazenada (Buckland, 1991).

Desde o surgimento da escrita, possibilitando o acúmulo massivo e a comparação de dados, a ciência tem se desenvolvido, principalmente, dentro de uma perspectiva literária, letrada (Barber; Barber, 2004). A informação, assim como outros objetos de estudo da ciência, por consequência, é vista apenas dentro deste contexto. O foco aplicado nesse sentido, no entanto, deixa de lado as possibilidades de estudos da informação nas culturas que não possuem escrita, como as de vários grupos indígenas dos continentes americanos, os ameríndios.

Somado a isso, o colonialismo histórico e o pensamento por ele estabelecido

contribuem para a marginalização do ser e do saber em culturas que não pertencem à matriz dominante, considerando-os inferiores e inválidos (Mignolo, 2017). A discussão sobre colonialidade, como estado do mundo moderno, e decolonialidade como um pensamento contrário e como um objetivo em construção, ou cuja essência é na realidade a desconstrução, é também enriquecida pelas perspectivas da Ciência da Informação (Bamberg *et al.*, 2022). Então, por intermédio do estudo da informação e, especificamente, de sua disseminação, no contexto das culturas orais, aqui delimitadas nos grupos étnicos classificados como ameríndios, é possível contribuir com o desenvolvimento de novas perspectivas científicas e sociais.

Esta comunicação, portanto, busca analisar uma narrativa mítica ameríndia e algumas de suas transformações em diferentes grupos étnicos, separados geográfica, linguística e culturalmente, sob as perspectivas da disseminação da informação, da memória e da cultura. A natureza da pesquisa é qualitativa e os procedimentos metodológicos nela empregados foram de caráter bibliográfico, baseando-se numa revisão narrativa de literatura, com base na coleta, na seleção e na análise de fontes.

A coleta foi feita de forma física e digital, em livros e artigos científicos. A segunda foi realizada na plataforma Google Acadêmico, tomando como base as palavras-chave escolhidas foram “disseminação da informação”, “memória”, “tradição oral”, “indígenas”, “ameríndios”, “colonialidade” e “decolonialidade”, sem delimitação de período. As fontes que tratam de narrativas ameríndias selecionadas foram as que abordam o mito do “desaninhador de pássaros”, que recebe foco neste trabalho por sua ubiquidade. O restante da bibliografia foi selecionado com base na relevância dos autores, servindo para definir os conceitos de informação, memória, colonialidade e decolonialidade, assim como trazer uma visão particular sobre memória, disseminação e transmissão da informação nas culturas de tradição oral, focando especialmente nas narrativas. Também foram selecionadas as obras que abordam mais de um desses conceitos e os inter-relacionam entre si.

## **2 A CRIAÇÃO DA MODERNIDADE: RELAÇÕES ENTRE COLONIALISMO E COLONIALIDADE**

De um ponto de vista geral, o colonialismo foi um processo histórico sustentado pela necessidade da exploração de matéria-prima e da obtenção de mão-de-obra barata

realizada por intermédio da escravidão. Foi a partir dessas construções que nasceu o mundo moderno (Mignolo, 2017). Com efeito, a modernidade, longe de ser uma fase alcançada naturalmente pelas diversas civilizações humanas, é resultado específico do Ocidente e perpetuado como narrativa, explícita e implícita, nos territórios por ele colonizados.

O termo “colonialidade” foi cunhado pelo sociólogo peruano Quijano (2023), que considera que os efeitos do colonialismo não desapareceram com a independência dos países historicamente colonizados. A colonização se tornou um processo contínuo que moldou e permanece a moldar a ordem social, econômica, política e cultural do mundo moderno, por ela produzido. Esse processo se dá através da naturalização de padrões nas relações de poder, estabelecendo hierarquias, sejam estas raciais, culturais, territoriais, de gênero ou epistêmicas.

A ideia do mundo europeu e mais largamente ocidental era a de que toda a razão, sabedoria e verdade estavam concentradas na civilização ocidental. As outras nações e civilizações eram atrasadas e infantis, nelas não havia a sabedoria real, mas unicamente mitologia e, ainda, valorizada como superstição. Por essa razão, havia um desprezo total (Terena, 2010, p. 27).

Em que pese as relações de poder estabelecidas historicamente, em torno do sistema-mundo opressor (Ballestrin, 2013), há um emergente movimento contrário a estas condições denominadas de decolonialidade. O pensamento decolonial propõe um distanciamento do modelo eurocêntrico, buscando olhares alternativos, provindos, principalmente, das culturas que, de uma forma ou de outra, foram descaracterizadas e silenciadas pela colonialidade (Oliveira; Gomes, 2021).

O pensamento crítico decolonial abre espaço não apenas para o reconhecimento da autodeterminação dos povos ameríndios com possibilidades de subversão dos padrões historicamente estabelecidos a partir da perspectiva moderno-colonial, mas os possibilita encontrar possibilidades de conhecimentos, de memórias e de histórias encobertos, por serem considerados não saberes ou conhecimentos bárbaros, primitivos, místicos e supersticiosos (Maldonado-Torres, 2008; Oliveira; Gomes, 2021). Em processos crescentes de reconhecimento e de justiça social, além de não serem subjugados às referências europeias, essa abordagem possibilita pluriversalidade característica o pensamento crítico contemporâneo.

Então, dada a relevância deste assunto, este se torna ainda pauta de discussão no âmbito da Ciência da Informação, especialmente, no domínio da epistemologia, o estudo do conhecimento em informação, sugerindo uma percepção não mais centrada, mas pluriversal (Bamberg *et al.* 2022), adotando uma abordagem centrada na igualdade e na justiça social.

Complementarmente, é importante considerar que uma das concepções de informação, apresentada anteriormente, refere-se à “informação como conhecimento”, que considera, sobretudo, os seus aspectos imateriais próprio da cultura oral, que, no caso de determinadas culturas, representam grande parte. O conhecimento de um povo, seus saberes, consistem em elementos de caráter fundamental e intangível, e, por isso, frágeis e dependentes de suportes de memória confiáveis.

### **3 MEMÓRIA E TRADIÇÃO ORAL: A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DE UMA NARRATIVA MÍTICA AMERÍNDIA**

O conceito de memória, segundo Le Goff (2003), consiste na capacidade de armazenar informação, de forma individual e coletiva. Em culturas que não possuem a escrita, a memória e as formas de disseminação da informação dependem essencialmente da oralidade, e, portanto, são limitadas quanto à quantidade de informação que pode ser armazenada e disseminada (Gouveia Júnior; Galindo, 2022).

Entre outras, os mitos são uma das formas que as culturas dependentes da tradição oral possuem para o armazenamento, a memorização e a disseminação da informação. A noção original de mito difere da atual, uma “história fantasiosa” criada com o propósito de entreter, ou sendo confundida, muitas vezes, com a definição de “lenda”, que designa um relato fantástico de um evento do passado. Na prática, um mito correspondia a uma narrativa que servia como explicação de algum aspecto da realidade, de forma metafórica e simbólica (Barber; Barber, 2004).

Lévi-Strauss (2021), em seu estudo etnológico realizado nas Américas, atestou a presença, em diferentes grupos étnicos ameríndios, separados geograficamente, de uma mesma narrativa, porém, com variações ou transformações. A primeira versão desse mito a

ser analisado, denominado por Lévi-Strauss de “o desaninhador de pássaros”, é dos Kayapó-Gorotire, localizados no Sul do Pará:

Ao descobrir um casal de araras num ninho localizado no alto de uma rocha escarpada, um homem leva consigo seu jovem cunhado, chamado Botoque, para ajudá-lo a capturar os filhotes. Ele faz com que este suba numa escada improvisada, mas ao chegar à altura do ninho, o rapaz diz que só vê dois ovos. [...] O homem manda jogá-los; durante a queda, os ovos se transformam-se em pedras e machucam-lhe a mão. Furioso, ele puxa a escada e vai embora. [...] Botoque permanece preso durante vários dias no alto do rochedo. [...] O jaguar vê a sombra do herói no chão; tenta pegá-la, sem sucesso, levanta os olhos, conserta a escada, procura convencer Botoque a descer. [...] o jaguar, amigavelmente, o convida a montar em suas costas para ir até sua casa comer carne assada. Mas o rapaz não sabe o significado da palavra “assada”, pois naquele tempo os índios não conheciam o fogo e comiam a carne crua. [...] Todos os dias, o jaguar vai caçar e deixa o filho adotivo com a mulher, que o detesta cada vez mais; ela só lhe dá carne velha e dura para comer, e folhas. [...] Botoque a mata com uma flechada no peito. Amedrontado, ele foge, levando as armas e um pedaço de carne assada. Ele chega à sua aldeia no meio da noite, [...] conta sua história, e distribui a carne. Os índios resolvem se apossar do fogo. Quando chegam à casa do jaguar, não encontram ninguém; e, como a mulher estava morta, a carne caçada na véspera ficou sem cozer. Os índios assam-na e levam o fogo. [...] Mas o jaguar ficou furioso com a ingratidão do filho adotivo, que lhe roubou “tanto o fogo como o segredo do arco e flecha”, e desde então odeia todos os seres, especialmente o gênero humano. [...] Ele caça com os dentes e come carne crua, pois jurou nunca mais comer carne assada (Banner, 1957, p. 42-4 *apud* Lévi-Strauss, 2021, p. 109-110).

A segunda versão é dos Apinayé, localizados no estado do Tocantins:

Numa caverna situada no flanco de um rochedo, um homem descobre um ninho de araras com dois filhotes. Leva seu jovem cunhado a esse local e manda-o subir até o ninho por um tronco encostado no rochedo. Mas o rapaz fica com medo, pois os pássaros defendem a ninhada com ferocidade. Furioso, o homem puxa o tronco e vai embora. [...] Durante cinco dias, o herói fica preso na caverna, torturado pela fome e pela sede. [...] Um jaguar passa por lá, vê a sombra, tenta pegá-la em vão. O herói cospe no chão para chamar sua atenção, e começa um diálogo. O jaguar pede os dois filhotes, o herói os joga um após o outro, e o jaguar os devora imediatamente. Então o jaguar recoloca o tronco, procura convencer o rapaz a descer, promete-lhe que não irá comê-lo e que lhe dará água para matar a sede. [...] o jaguar o leva nas costas até um rio, onde ele bebe até se saciar e adormece. O jaguar o acorda com beliscos [...] e anuncia que quer adotá-lo, pois não tem filhos. Na casa do jaguar, havia um grande tronco de jatobá estendido no chão, com uma das pontas queimando. Naquele tempo, os índios não conheciam o fogo e comiam a carne crua, que secava ao sol. “O que está fazendo aquela fumaça?”, perguntou o rapaz. “É o fogo”, respondeu o jaguar. “Hoje à noite, você vai ver, ele o aquecerá.” E deu ao rapaz um pedaço de carne assada. Ele comeu e adormeceu. [...] No dia seguinte, o jaguar vai caçar e o rapaz senta-se num galho de árvore para esperá-lo. Mas lá pelo meio-dia sente fome; ele volta para casa e pede comida à mulher do jaguar. “O quê?”, responde ela, arreganhando os dentes: “Veja só!”. Apavorado, o herói corre à procura do jaguar e lhe conta o incidente. Ele repreende a mulher, que promete não repetir a grosseria. Mas a cena volta a acontecer no dia seguinte. Seguindo o conselho do jaguar (que lhe deu um arco e flechas e ensinou-

o a manejá-los usando um cupinzeiro como alvo), o rapaz mata a mulher agressiva. O pai adotivo lhe dá razão, entrega-lhe uma provisão de carne assada e explica como voltar à sua aldeia, descendo por um riacho. [...] o rapaz chega à sua aldeia e conta suas aventuras. Todos saem à procura do fogo. O jaguar os recebe de braços abertos [...] e presenteia os homens com o fogo (Nimuedaju, 1939, p. 154-8 *apud* Lévi-Strauss, 2021, p. 112-113).

A terceira e última versão analisada é a dos Marubo, localizados no Sudoeste do Amazonas. Uma observação interessante é que esse grupo transmite principalmente através de cantos seu folclore e tradições. Alguns desses cantos foram coletados por Cesarino (2013, on-line), estando entre eles, um que contém o mito do desaninhador de pássaros, aqui descrito de forma resumida:

Võ Nea é deixado por seus meio-irmãos no alto de uma árvore. Lá, encontra o povo dos japós [um tipo de pássaro] que o dão abrigo. Logo chega uma onça, que o convida a descer. Ele se recusa. Sobe por meios mágicos até a casa do Urubu, que o chama de filho e lhe dá comida e ordena que os outros urubus levem Võ Nea de volta para a terra firme. Este, volta para sua aldeia e se vinga de seus familiares. [Esse canto é seguido de um outro, que contém o relato do roubo do fogo da onça].

Os mitos, segundo a definição de Barber e Barber (2004), são formas de codificar e de transmitir eventos marcantes, princípios, regras e tabus nas sociedades baseadas na tradição oral. Geralmente, eles refletem as condições ambientais e físicas do local em que foram concebidos, além de se expressarem com base na cultura do povo que os cria. Não obstante essas condições diversas, é possível identificar diversos elementos em comum entre mitos de diferentes culturas, ainda que separadas geograficamente.

Nesta discussão, é relevante resgatar o conceito de “meme”, elaborado por Dawkins (1976), que define uma unidade de transmissão cultural, assim como o gene é uma unidade de transmissão biológica. Um meme pode ser a letra de uma música, um ditado popular ou mesmo um gesto, qualquer coisa que possa ser memorizada e reproduzida. O meme precisa ser notável - imagens, sons e ideias que não o forem correm o risco de rapidamente serem esquecidos -, além de facilmente e rapidamente disseminado. Ademais, uma das características principais do meme consiste na possibilidade de sofrer alterações no processo de sua disseminação, pela produção de cópias, ligeira ou significativamente, alteradas, descaracterizando a realidade ou causando distorções quando comparadas com a original.

Pode-se fazer uma associação entre o conceito de meme e o próprio conceito de informação, na medida em que esta pode ser entendida como o ato de moldar a mente ou o ato de comunicar conhecimento (Capurro; Hjørland, 2007). Essa informação, no entanto, pode sofrer alterações. Segundo a Teoria Matemática da Comunicação de Shannon (1948), os fatores que interferem nesse processo são chamados de ruídos. Geralmente de natureza não intencional, esses ruídos são acumulados ao longo de vários processos de transmissão e de disseminação da informação, eventualmente, causando distorções na mensagem original.

Ao comparar as diferenças entre as versões do mito do “desaninhador de pássaros” com a teoria de Shannon (1948), por exemplo, estas podem então ser vistas como produto de ruídos, ou seja, falhas na comunicação por parte dos transmissores e dos disseminadores e/ou falhas na compreensão por parte dos receptores. Essa perspectiva é somada ao fato de que culturas orais, carentes do suporte literário ou de formas alternativas de armazenamento extra-somático de informação, podem ser incapazes de disseminar a informação de forma confiável e por um longo período de tempo (Gouveia Júnior; Galindo, 2022).

Barber e Barber (2004), no entanto, apresentam uma perspectiva contrária, na medida em que consideram que, sendo as culturas orais carentes de suportes extra-somáticos, faz-se necessário que os detalhes de uma narrativa possam ser transmitidos de forma fidedigna. O fato é que existem evidências de que a presença de fontes de distorção e de ruído podem na realidade fortalecer os processos de transmissão e de disseminação da informação. Um povo que tem medo que sua cultura desapareça, por exemplo, certamente tomará medidas para fortalecê-la, além de garantir que os saberes acumulados alcancem as próximas gerações. Uma das formas que se tem para alcançar esse fim é eliminar as variações que podem ter uma narrativa, para firmar uma “versão oficial”. Esse processo é historicamente documentado em diferentes culturas, especificamente as que já adquiriram a escrita e que passaram a ver a tradição oral como não sendo mais um meio confiável de transmitir e disseminar informações (Barber; Barber, 2004). Outro método, este consoante com as culturas dependentes da tradição oral, é a estruturação ou a codificação da informação em algum tipo de fórmula ou ritual, que devem ser obedecidos com rigor.

A versão do mito do “desaninhador de pássaros”, aqui discutido, pertencente aos Marubo, por exemplo, surpreende justamente por não se tratar de uma narrativa comum, mas de um canto, o que implica uma estrutura que deve ser seguida à risca, e cujas transmissão e disseminação devem ser feitas da forma mais fidedigna possível (Cesarino, 2013).

Seja como for, uma narrativa só é disseminada se tiver algo de importante. Apesar dos aspectos puramente arbitrários que podem impactar na construção cultural de uma comunidade, e ainda que a sua natureza “memética”, isto é, de notabilidade e de memorabilidade sejam fundamentais para sua sobrevivência (Dawkins, 1976), é necessário “algo mais”, além do que é apenas cosmético, para que seja considerada suficientemente relevante para ser transmitida e disseminada.

#### **4 VERSÕES DO MITO “DESANINHADOR DE PÁSSAROS”: CONTEXTOS DIVERSOS DA INFORMAÇÃO**

Apesar de possuir diferenças entre suas variações, um mito mantém sempre uma mesma estrutura de pensamento e uma mesma ideologia, modificada, se necessário, de acordo com o contexto cultural no qual se encontra. Ao enxergar essa estrutura, as possíveis variações de uma narrativa, ou de práticas culturais em geral, podem não apenas ser compreendidas, mas também previstas (Lévi-Strauss, 2021).

Sobre o que, afinal, trata o mito do “desaninhador de pássaros”? À primeira vista, parece ser uma história que conta sobre a origem do uso do fogo por parte dos seres humanos e seu distanciamento da natureza devido à obtenção de tal bem - compreendido na inimizade por parte do jaguar. Apesar de ser esse um ponto fundamental na narrativa, não é sua principal razão de existir, nem o motivo central pelo qual é julgada importante de ser lembrada e disseminada para as gerações seguintes.

Ao analisar os aspectos do mito na perspectiva de Levi-Strauss (2021), percebe-se que o estabelecimento de normas sociais, que são sugeridas de forma implícita na narrativa, implica no seu descumprimento ou na recusa em segui-las. Ocorre que o relacionamento do protagonista com seus parentes, que sempre o abandonam no começo da história, é

demonstrado de forma antagônica porque estes, cunhado nas versões Kayapó-Gorotire e Apinayé, e meio-irmãos na versão Marubo, são na realidade seus oponentes simbólicos, ou ao menos dificultadores, na obtenção de uma esposa.

Mauss (2003), no seu “Ensaio sobre a dádiva”, originalmente publicado em 1925, teoriza que a primeira dádiva, o primeiro bem a ser trocado por diferentes grupos humanos foram as mulheres, dando assim origem à instituição do casamento. A partir dessa prática, começaram a ser estabelecidas as primeiras alianças entre famílias, clãs e tribos, que eram, muitas vezes, inimigos ou rivais. Pode-se considerar que seria esse o surgimento da ideia de “sociedade humana”, baseando-se num “contrato social”, segundo a definição de Hobbes (1974), que implica uma relação inicialmente conflituosa, em que se busca alcançar uma trégua a partir do estabelecimento de um acordo entre ambas as partes, nesse caso, a troca de esposas.

O mito do “desaninhador de pássaros”, ao tratar de uma desarmonia entre o protagonista e seus parentes, sempre mais velhos que ele, e “doadores de mulheres” (Lévi-Strauss, 2021), aborda de forma implícita a noção de uma ordem social que deve ser obedecida, caso contrário pode resultar em consequências catastróficas.

As diferenças cosméticas de cada variação do mito corroboram com a organização social dos grupos dos quais foram coletadas. Os Kayapó, por exemplo, são matrilocais, o que significa dizer que, após casar, o marido é obrigado a morar com a família de sua mulher, e não o contrário. Na versão do mito pertencente a esse grupo, o herói é reconhecido primeiro por sua mãe ao voltar para sua tribo (Lévi-Strauss, 2021).

Entre os Apinayé, também matrilocais, a função de “doador de mulheres” não é atribuída ao pai da mulher, mas sim aos irmãos dela, que “menos ‘dão’ a irmã ao futuro marido do que ‘tomam’ este último para obrigá-lo simultaneamente ao casamento e à residência matrilocal” (Lévi-Strauss, 2021, p. 114). Isso é refletido nas variações do mito em que o cunhado do jovem é quem o abandona no rochedo.

Essas especificidades, à primeira vista obscuras, só podem ser percebidas se se conhecer o contexto cultural em que a narrativa foi produzida. A narrativa por si só, nesse caso, não serve exatamente para explicar a norma social, mas sim para reforçá-la (Barber;

Barber, 2004). Narrativas e mitos não existem de forma isolada, mas sempre fazem parte de uma estrutura maior.

Um detalhe que deve ser observado no mito do “desaninhador de pássaros” é que o herói, transgressor das normas sociais, não é punido, ou se o é, logo consegue reverter essa situação, conseguindo, por vezes, até mesmo se vingar dos parentes que o abandonaram, como é o caso da variação Marubo do mito (Cesarino, 2013). A interpretação que pode ser extraída disso é que a narrativa não apenas serve para instruir os mais novos sobre a existência e a necessidade de aderência às regras, mas para alertar os mais velhos de garantir seu cumprimento (Barber; Barber, 2004).

Nas versões apresentadas do mito do “desaninhador de pássaros”, observam-se as três perspectivas do conceito da informação apontadas por Burkland (1991), pois, é necessário informar às gerações futuras as tradições da comunidade pela perspectiva de informar (informação como processo) que o arco e a flecha podem ser utilizados para caçar e, assim, obter alimento, como na versão apresentada dos Kayapó-Gorotire. Já na versão dos Apinayé, conhecer (informação como conhecimento) o caminho para o rio faz o Jaguar levar o herói para matar a sua sede. Também Ihe mostra o fogo, responsável pela carne assada (informação como coisa) e por aquecer no frio da noite, o que faz todos da tribo do herói correrem em busca do fogo, conforme aponta o mito.

A informação, portanto, não é apenas transmitida para ser captada por um único receptor, numa perspectiva de troca de sinais (Shannon, 1948), mas disseminada, em diferentes condições de sentido, a ponto de alcançar grupos sociais, ao risco de ser interpretada de diferentes formas e receber significados distintos em diferentes contextos. Um mito, uma narrativa, além de sempre tratar de algo importante, nunca quer dizer uma coisa só.

Além disso, Lévi-Strauss (2021) faz uma comparação entre a música e os mitos, indicando que ambos são uma forma de articular conceitos que a linguagem normal é incapaz de fazer. Assim como uma música, um mito é composto de diversas camadas sobrepostas, que ocultam o fato de existir uma estrutura que os sustenta. O paralelo musical é reforçado mais ainda, ao lembrar que uma das versões do mito aqui tratadas, a dos Marubo, é um canto.

Sendo a música e os mitos uma forma de linguagem intencionalmente distintas da normal, também os assuntos que estes tratam, preferencialmente, devem transcender o comum e o corriqueiro. As variações no mito, assim como na música, podem ser compreendidas como sendo, poucas vezes, meras falhas de comunicação, mas sim, mudanças intencionais e com propósitos definidos. Assim, não são ruídos, mas novas formas de criar sentidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento colonial, derivado do processo histórico do colonialismo, continua a influenciar nos mais diversos âmbitos do mundo e da sociedade moderna. O estabelecimento do modelo eurocêntrico e a supervalorização do Ocidente em detrimento das demais culturas foi e é incisivo na invalidação e na marginalização de vários grupos étnicos, sociais e raciais, entre eles, os ameríndios. Pode-se, no entanto, partindo de uma perspectiva decolonial, resgatar e, de fato, validar esses mesmos grupos e essas mesmas culturas. O ser e o saber, passam, então, a não pertencer a apenas um grupo, mas se tornam uma percepção pluriversal.

O pensamento ameríndio, longe de ser homogêneo, levando em conta as diferentes práticas e atitudes culturais adotadas pelas diversas etnias classificadas por esse termo e dentro dele englobadas, apresenta, no entanto, extrema coerência em sua estrutura, além de inegável eficiência na transmissão e na disseminação de noções e de práticas. Com efeito, as transformações em uma narrativa são, em muitos casos, não acidentais, mas intencionais e deliberadas, sendo geralmente feitas com uma finalidade e servindo para um propósito de cunho social e/ou ideológico.

O processo de disseminação da informação em sociedades orais, carentes de suportes expressivos de armazenamento extra-somático da informação como a escrita, está longe de ser ineficaz. A capacidade de memorização e de reprodução de forma fidedigna de uma mesma narrativa, ainda que com alterações, em vários territórios separados geograficamente, em diferentes contextos culturais e durante um longo período de tempo, serve para demonstrar esse entendimento. A versão do mito do “desaninhador de pássaros”

pertencente aos Marubo, para exemplificar, não é apenas uma narrativa comum, mas um canto, o que implica uma estrutura fixa e não passível de mudança, sob o risco de comprometer sua integridade. A disseminação desta versão, portanto, deve resistir a possíveis ruídos.

Podem existir ainda dúvidas quanto à mencionada fidedignidade, levando em conta a existência de variações em primeiro lugar. Essas variações nos mitos, no entanto, assim como na música, seguem sempre um padrão, e não só podem ser compreendidas se não forem analisadas dentro do contexto cultural no qual se encontram. Além disso, há possíveis variações ainda não descobertas em outros contextos culturais. Podem ser previstas, o que atesta para a existência de uma estrutura em comum e de padrões que são seguidos e obedecidos.

É importante registrar, por fim, que a delimitação do objeto de pesquisa foi feita em torno de uma amostragem mínima, apenas três relatos coletados de fontes bibliográficas, e, portanto, limitada em seu alcance. Ainda assim, foi possível a identificação de um padrão e de uma estrutura de pensamento. Uma análise mais abrangente pode revelar mais padrões e tornar visíveis outras estruturas, que auxiliarão numa compreensão mais profunda não apenas do pensamento das várias tribos ameríndias, mas do próprio ser humano.

## REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89–117, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>. Acesso em: 22 maio 2024.

BAMBERG, Callu Ribeiro Ferreira Pedreira e Andrade *et al.* Epistemologia Decolonial e Ciência da Informação: uma análise dos anais do ENANCIB. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 13, n. 2, p. 29–46, 2022. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v13i2p29-46. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/190137>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BANNER, Horace. Mitos dos índios Kayapo. **Revista de Antropologia**, v. 5, n. 1, 1957. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/110359/108926>. Acesso em: 10 set. 2024

BARBER, Elizabeth Wayland; BARBER, Paul T. **When they severed earth from sky: how the human mind shapes myth**. Princeton: Princeton University Press, 2004.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

CAPURRO, Rafael.; HJØRLAND, Biger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. **Quando a terra deixou de falar: contos da mitologia marubo**. Editora 34. 2013.

DAWKINS, Richard. **The selfish gene**. Oxford, 1976.

GOUVEIA JÚNIOR, Mário; GALINDO, Marcos. Sistemas memoriais como disseminadores de informação. **Transinformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 207-217, set./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6164>. Acesso em: 04 mar. 2024.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Abril S. A Cultural e Industrial, 1974.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, Editora UNICAMP, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas 1: o cru e o cozido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula rasa**, Bogotá, Colómbia, n. 9, p. 61-72, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a05.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MIGNOLO, Walter. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 94, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.

NIMUENDAJU, C. **The Apinayé**. The Catholic University of America, Anthropological Series, n. 8. Washington, DC. 1939.

OLIVEIRA, Damião Bezerra.; GOMES, Raphael Carmesin. Epistemologia de fronteiras em Walter Mignolo: compreensão, críticas e implicações na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n. 74, p. 643-677, 2021. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v35n74a2021-55175. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/55175>. Acesso em: 25 jun. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina.**

Espiral, Peru, v. 5, n. 10, p. 1070114, 2023. Disponível em:

<https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/espiral/article/view/27862/20946>.

Acesso em: 10 set. 2024.

SHANNON, Claude Elwood. A Mathematical Theory of Communication. **Bell System**

**Technical Journal**, v. 27, n. 3, p. 379–423, jul. 1948. Disponível em:

[https://web.archive.org/web/19980715013250/http://cm.bell-](https://web.archive.org/web/19980715013250/http://cm.bell-labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf)

[labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf](https://web.archive.org/web/19980715013250/http://cm.bell-labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf). Acesso em: 23 jun. 2024.

TERENA, Marcos. “Itinenóe Purutuíhako, Ainapó Nhakóe Ambenha Nhánheke, Vookuke

Gonhuhótimo Kali Inzonéo, Kuánemaka Kali Émó-Hum, Enómone Vomixóne Ihái Vovokuké”.

In: MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar.** Rio de Janeiro:

Garamond, 2010. p. 15-34.